

PEQUENOS EMPRESÁRIOS

Bancos ajudam muito pouco

Estudo revela que só 1,4% dos negócios começaram com empréstimos bancários

MARISE LUGULLO

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

Carlos Eduardo - BG Press

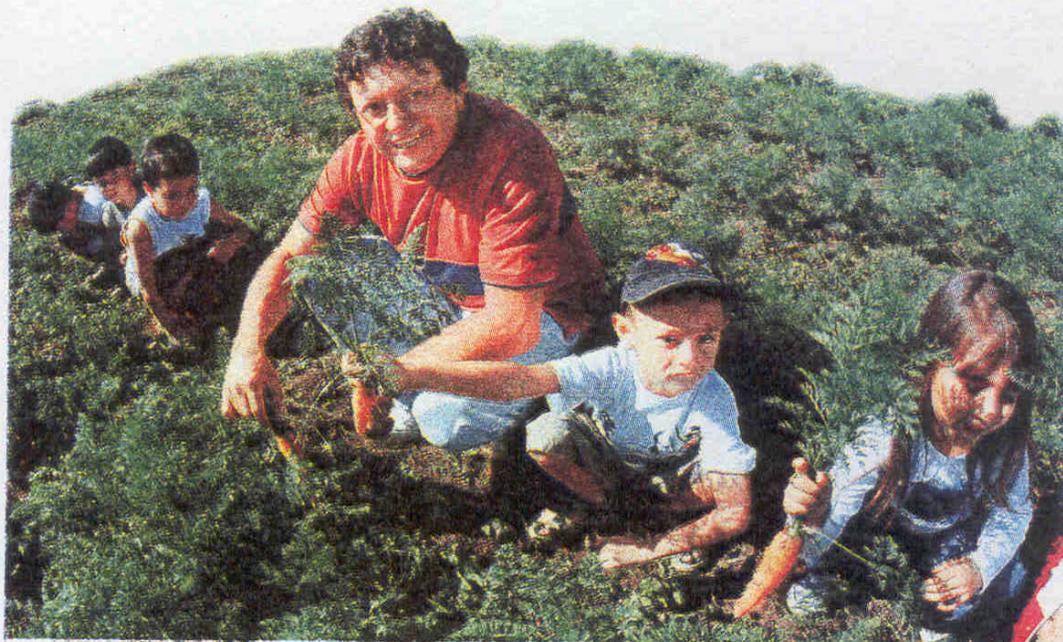
BRASÍLIA - O acesso ao crédito por parte dos empreendedores ou trabalhadores autônomos ainda é coisa para poucos no país. Estudo do pesquisador Marcelo Neri, do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro, revela que apenas 1,42% dos pequenos negócios começaram com empréstimos bancários.

Por outro lado, as indenizações trabalhistas são uma das principais fontes de financiamento para a abertura de um negócio (10,77% do total). Isso inclui os Planos de Demissão Voluntária e o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço.

Com o pagamento das perdas provocadas pelos planos Verão e Collor 1, R\$ 42 bilhões serão injetados na economia até janeiro de 2007 e a expectativa é de que muitos negócios possam surgir. "A reposição do FGTS é um dos únicos alentos dos últimos anos", diz Neri. Segundo ele, somente 6,3% dos empreendedores autônomos tiveram acesso ao crédito nos últimos três meses.

O pesquisador afirma que os trabalhadores urbanos foram os mais afetados pelas crises que atingiram a economia brasileira recentemente. Programas sociais do governo para a reposição do salário mínimo acima da inflação ajudam a proteger os trabalhadores rurais e das pequenas e médias cidades. "Mais uma vez, nesse processo, perdeu quem tinha inserção produtiva, e não quem tinha pouco a perder", diz Neri.

Com isso, aqueles que tra-



Ex-bancário, Murici tem 25 empregados na fazenda onde planta, cria animais e vive sem estresse

balham na cidade grande tiveram que arrumar formas de sobreviver. Muitos optaram por trabalhar por conta própria. Foi o caso de Wilson Murici, que usou o dinheiro recebido do Programa de Demissão Voluntária do Banco do Brasil, em 1995, para transformar sua propriedade rural de 6 hectares em negócio.

Após 21 anos de serviço, Murici deixou a agência do banco no Senado Federal e passou a receber visitantes que querem relaxar em contato com a natureza, nos fins de semana, e grupos de escolas, de segunda a sexta-feira.

Pelo menos 1,5 mil pessoas passam por ano pela propriedade Buriti Alegre, a 35 km de Brasília. Ele e um sócio foram plantar e criar animais. Recorreram a um empréstimo do

Banco do Brasil, de R\$ 120 mil e seguiram adiante, construindo um abatedouro, modernizando a horta e montando toda a infraestrutura para receber visitantes.

Vinte e cinco funcionários trabalham na propriedade. O

Desemprego é o maior incentivo para novos negócios

Sebrae ajudou no treinamento do pessoal e na orientação do negócio. Uma das recomendações foi a de terceirizar alguns serviços, como a horta, o abatedouro e a parte de paisagismo.

De acordo com Murici, somente após cinco anos o dinheiro investido começou a dar retorno. A tranquilidade com que cuida do negócio é notória. "O bom disso tudo é que você vive uma coisa que gosta. Hoje, eu trabalho mais e com menos estresse", diz.

Mas nem todo mundo começa assim, com demissão vo-

luntária. O pesquisador da FGV relata que o desemprego tem sido o principal motivo para a abertura do próprio negócio, que pode ser desde uma banca de camelô até uma empresa com o máximo de cinco empregados.

Uma vez constituído o negócio, os empresários ainda assim esbarram em dificuldades para se capitalizar. Pesquisa do Sebrae e da Confederação Nacional da Indústria mostra que a maioria deles (49%) se financia com recursos próprios, 20% usam cheques pré-datados e 9%, o cheque especial (com taxa de juros média de 160% ao ano). A pesquisa englobou 2,5 mil micro e pequenos empresários nas cinco regiões do país.

Marise Lugullo pode ser contatada no e-mail brasilia@jb.com.br